

ANC

Suplentes dependem até do humor dos efetivos

16 FEV 1987

JORNAL DO BRASIL

Brasília — Há uma espécie de constituinte que aguarda ansiosamente, mas até agora sem sucesso, uma chance para entrar logo nos trabalhos de elaboração da futura Constituição. São os suplentes dos senadores que foram eleitos governadores e só poderão assumir no dia 15 de março, ou depois, dependendo do humor dos efetivos. Geralmente, os titulares dos mandatos não têm boas relações com seus suplentes, postos nessa situação por força de antigas composições políticas, e estão fazendo tudo para não lhes dar chance.

No Pará, João Menezes, do PFL, ex-secretário executivo do Projeto Carajás, aguarda uma oportunidade de assumir os quatro anos que restam de mandato no Senado ao governador eleito Hélio Gueiros, que é do PMDB. Amigo do depugado Ulysses Guimarães e do presidente Tancredo Neves (que só o chamava de "João Burrinho"), o suplente de Gueiros ainda não recebeu qualquer comunicação sobre quando vai assumir a cadeira de senador.

Hélio Gueiros está estudando duas hipóteses para atrapalhar a vida de seu suplente, que foi o candidato do PFL a governador do Pará nas últimas eleições, contra o próprio Gueiros: ou assume o governo, se licencia em seguida e continua participando da Constituinte, ou adia a

posse até o final dos trabalhos de elaboração da futura Carta.

Posses retardadas

Na mesma situação está o suplente de senador pelo Mato Grosso do Sul, Mendes Canalle. A partir de 15 de março, quando Marcelo Miranda assumir o governo do Estado, Canalle ganhará de presente quatro anos de mandato no Senado. Mas os dois têm origens políticas distintas dentro do PMDB e o governador gostaria de deixar seu mandato para outra pessoa, se isso fosse possível. No Paraná, o suplente de senador Leite Chaves, ex-procurador-geral da Justiça Militar, alegrou-se quando Alvaro Dias foi eleito governador do Estado. Imaginou que assumiria a cadeira de senador imediatamente e tomaria posse no dia primeiro de fevereiro como constituinte. Enganou-se: Alvaro Dias pretende exercer o mandato até o último minuto, para desespero de seu suplente. Leite Chaves, que já foi senador pelo MDB do Paraná, chegou a fazer campanha para líder do PMDB no Senado mas teve que desistir porque a eleição seria antes de sua investidura no cargo.

De todas as complicações envolvendo os suplentes dos senadores, nenhuma é mais original do que a do Amazonas. É um caso intrincadíssimo envolvendo o atual governador,



Menezes



Canalle



Chaves

Gilberto Mestrinho, o senador Fábio Lucena (que ainda teria quatro anos de mandato mas resolveu candidatar-se novamente no ano passado), e o seu suplente Leopoldo Peres. Os três teriam feito um acordo para que Peres renunciasse à suplência de senador cinco meses depois da posse, de forma a forçar a realização de uma nova eleição para o cargo. Com isso, o governador Gilberto Mestrinho poderia se candidatar e ganhar a vaga. Só que, depois de assumir, Leopoldo Peres desistiu de renunciar, dizendo que não fez nenhum acordo com Mestrinho.

— O acordo existia e havia o compromisso de ele renunciar em julho, mas parece que tomou gosto pela cadeira — disse o senador Fábio Lucena.

— Esse acordo só existia na cabeça doente do Gilberto Mestrinho — rebate um assessor de Leopoldo Peres.

— O problema já está superado — diz Peres — e vou exercer o meu papel de constituinte. Não devo nada a ninguém.

Se existe ou não o acordo, ninguém sabe. Durante a campanha eleitoral no Amazonas, isso foi abertamente comentado e Peres nunca desmentiu. Sua tática para ficar no cargo já está traçada, segundo revela o assessor, e é muito simples: "O senador vai ficar enrolando e não sai."